

EM BUSCA DO TEMPO PRESENTE: CYRO DOS ANJOS E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Ivan Marques²

Resumo: “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente”, escreve Carlos Drummond de Andrade em “*Mãos dadas*”. Este ensaio sobre *O amanuense Belmiro*, publicado em 1937 por Cyro dos Anjos, analisa aspectos do parentesco, evidenciado pelo próprio autor, entre seu romance e a obra poética drummondiana. O diário de Belmiro não apenas segue de perto os versos antológicos de *Alguma poesia* (1930) e *Brejo das almas* (1934), como também apresenta os mesmos impasses do livro *Sentimento do mundo*, de 1940, ao qual pertence o poema “*Mãos dadas*”.

Palavras-chave: Cyro dos Anjos. Carlos Drummond de Andrade. Modernismo brasileiro.

Abstract: “Time is my matter, the present time, the present men, the present life”, wrote Carlos Drummond de Andrade in “*Mãos dadas*”. This paper about *O amanuense Belmiro*, published in 1937 by Cyro dos Anjos, analyses some aspects of the relationship, recognized by the author, between his novel and Drummond’s poetic work. Besides quoting the famous poems of *Alguma poesia* (1930) and *Brejo das Almas* (1934), Belmiro’s diary presents the same impasses of the book *Sentimento do mundo* (1940), which includes the poem “*Mãos dadas*”.

Keywords: Cyro dos Anjos. Carlos Drummond de Andrade. Brazilian Modernism.

O amanuense Belmiro foi o acontecimento literário de 1937. Teve duas edições em menos de um ano e uma recepção crítica numerosa e calorosa. Numa época marcada pelo engajamento — pelas preocupações urgentes com o “aqui e agora” — como explicar essa boa acolhida dada a um romance lírico e introspectivo? Como entender o sucesso, naquela conjuntura histórica, de um sujeito tímido e individualista, que faz questão de viver longe dos “radicalismos revolucionários”, trancafiado nas páginas do seu diário?

O amanuense se considera um “poeta lírico, em prosa”. “E sou sempre *gauche*”, acrescenta Belmiro, citando versos de *Alguma poesia*, o primeiro livro de Drummond. “Quando converso, as melhores ideias ficam cá dentro, sem encontrar expressão” (ANJOS, 2001, p. 113). Poemas do livro *Brejo das Almas*, de 1934, como “Um homem e seu carnaval” e “Sombra das moças em flor”, reaparecem no *Amanuense* como motivos centrais. O romance poderia até ser visto como uma versão ficcional do *gauchismo* de Drummond — uma transposição para a prosa (de alto nível) do temperamento retorcido e problemático que venceu a nossa poesia moderna.

² Possui doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo e graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo.

Belmiro Borba é um homem das antigas. Um filho de fazendeiro que enterrou seu brilho na repartição burocrática — e que espera reencontrá-lo, quem sabe, ao produzir uma obra monumental. No começo do diário, ele anuncia que seu plano é escrever um “livro sentimental, de memórias”. O objetivo inicial é procurar a si mesmo no passado, reviver a infância em Vila Caraíbas, os amores juvenis etc. Desejo que ele justifica com a afirmação “minha vida parou” (ANJOS, 2001, p. 32). No entanto, desde as primeiras páginas, o livro se inclina fortemente para o espaço belo-horizontino e para o “tempo presente” — o ano tempestuoso de 1935. A presença da época e dos acontecimentos é tão marcante que, para os leitores de hoje, o livro pode até parecer datado.

O amanuense diz que o presente se impõe à sua revelia, sobrando pouco espaço para as escavações na memória. E o fato de suas páginas se tornarem “contemporâneas” — e não mais nostálgicas — é qualificado por ele como o “malogro de um plano”. A obra continua pertencendo ao gênero autobiográfico, mas já nasce degradada, “decaída” para um subgênero menor. O referido malogro tem sua razão de ser. O rebaixamento da forma corresponde à decadência vivida pelo narrador-personagem.

Num ensaio bastante conhecido, Roberto Schwarz afirma que uma figura tradicional da literatura brasileira do século XX é o “fazendeiro do ar”:

o homem que vem da propriedade rural para a cidade, onde recorda, analisa e critica, em prosa e verso, o contato com a terra, com a família, com a tradição e com o povo, que o latifúndio lhe possibilitara. É a literatura da decadência rural (SCHWARZ, 2008, p. 110).

Sergio Miceli, para falar da mesma linhagem de escritores, também usou uma definição literária — “cronistas da casa assassinada” —, inspirada no título do romance de Lúcio Cardoso (MICELI, 2001, p. 173).

À primeira vista, poucos escritores caberiam tão bem nessa categoria quanto Cyro dos Anjos. A rigor, ele sempre escreveu autobiografias — romanceadas ou “imaginárias” nos primeiros livros (*O amanuense Belmiro* e *Abdias*) e “verdadeiras”, embora líricas, no último, *A menina do sobrado*. Sua imagem ficou sendo a do escritor sempre devotado à mesma matéria — o perdido paraíso rural e a beleza das moças em flor. Como tantos memorialistas, Cyro dos Anjos tinha apreço por sua origem familiar e o desejo

de afirmar a própria identidade por meio do enobrecimento das raízes. O caso, porém, é que só realizou o “plano das memórias” após o distanciamento de algumas décadas. Não pôde fazê-lo no calor dos anos 1930, agitados pela luta política e pela cultura do movimento modernista — cujo balanço *O amanuense Belmiro* se propunha a apresentar.

A comparação com Marcel Proust, que ocorreu desde o começo aos críticos, parece exagerada no caso do *Amanuense*. No romance de estreia, não há nada parecido com as “explorações no tempo” que o escritor faria mais tarde, a partir dos anos 1960. Não há sequer a proposta de buscar o tempo perdido. Belmiro declara-se incapaz de ressuscitá-lo à maneira proustiana: “Inútil tentativa de viajar o passado, penetrar no mundo que já morreu” (ANJOS, 2001, p. 96).

Não é só pelo caráter intimista que o romance se distingue do tipo de ficção predominante na década de 1930, mas também por essa impossibilidade de reconstituir o passado, que destoa da tendência memorialista tão forte no período. Nos romances de José Lins do Rego, é nítido o esforço para reter a experiência rural. No *Amanuense*, porém, a exemplo do que ocorre em *Angústia*, de Graciliano Ramos, o declínio da família patriarcal rural parece ter contribuído para “a abreviação do passado no plano ficcional” (GIL, 1999, p. 35). A isso certamente se relaciona a inviabilidade do projeto memorialístico de Belmiro.

Nem “cronista da casa assassinada”, nem “fazendeiro do ar”. Se fosse um livro de memórias, o amanuense certamente daria aos antepassados um espaço maior que o da irônica dedicatória: “Aos Borbas, da linha tronco, desde Porfírio, até Belarmino” (ANJOS, 2001, p. 19). É como se o narrador-personagem, logo de saída, dissesse aos parentes mortos: vejam o que sobrou de vocês. O “desvio da linhagem rural” é um problema nomeado com precisão pelo narrador: “sou um Borba errado. [...] como Borba, fali. [...] Neguei as virtudes da estirpe. Sou um fruto chocho do ramo vigoroso dos Borbas, que teve seu brilho rural” (ANJOS, 2001, p. 27).

Essa decadência também é registrada no poema *Confidência do itabirano*, de Drummond — “Tive ouro, tive gado, tive fazendas. / Hoje sou funcionário público. / Itabira é apenas uma fotografia na parede. / Mas como dói!” (ANDRADE, 1992, p. 57).

A burocracia define o ser de Belmiro. Há uma semelhança entre o diário e a repartição burocrática — onde os homens esperam “a aposentadoria e a morte”. Os que leram Murilo Rubião devem se recordar de uma passagem famosa do conto *O ex-mágico da taberna minhota* (cuja primeira versão foi publicada em 1947):

Ouvira de um homem triste que ser funcionário público era suicidar-se aos poucos. Não me encontrava em condições de determinar qual a forma de suicídio que melhor me convinha: se lenta ou rápida. Por isso empreguei-me numa Secretaria de Estado (RUBIÃO, 1999, p. 11).

Se o diário equivale a um “lento suicídio”, a burocracia também é vista como forma pachorrenta de suicídio. Assim como a repartição burocrática, o diário não é o lugar dos acontecimentos épicos. Ao contrário, é onde a vida parece definhar.

Embora se entregue ao presente, o amanuense não o vive. Frases como “os acontecimentos conduzem os homens” e expressões como as “seduções do atual” não passam de ironias. Declarações que nos lembram o duvidoso “sentimento do mundo” apregoado nos anos 1940 por um Drummond que permanece preso aos tempos idos, indeciso diante do presente.

E eis que nos defrontamos com a segunda “reviravolta” do romance de Cyro dos Anjos. Se antes o presente havia roubado a cena, transformando o livro de memórias em diário, agora ocorre exatamente o oposto. Onde esperávamos a narração do presente, somos surpreendidos pelo retorno dos fantasmas do passado.

Logo nos primeiros capítulos, Belmiro se deixa encantar por Carmélia. A moça aristocrática que ele conhece no carnaval acaba sendo, porém, a personificação de uma fábula infantil, a donzela Arabela. É que o presente pode aparecer “sob aspectos enganosos, encarnando formas pretéritas” (ANJOS, 2001, p. 40), conforme exprime o próprio amanuense, ao comentar sua paixão súbita.

O retorno às “remotas origens”, que antes parecia impossível, agora se mostra também desnecessário. O tempo passado não é expulso do diário por causa de um fator decisivo e, na verdade, histórico. Mesmo parecendo distante, o passado é a base do tempo atual, a sua “explicação”, para lembrar

outro poema célebre de Drummond: “No elevador penso na roça, / na roça penso no elevador” (ANDRADE, 1992, p. 33).

As tensões do presente e a herança do passado se misturam. É como se a abertura aos fatos contemporâneos provocasse necessariamente o retorno ao tempo antigo. A percepção dessa ambivalência (ou ambiguidade) brasileira é que levou Drummond a ser “o maior cantor urbano” da nossa poesia e, ao mesmo tempo, “o seu maior memorialista rural” (CORREIA, 2002, p. 45-6).

Ao analisar, no começo dos anos 1960, o romance de Cyro dos Anjos, Roberto Schwarz ficou preocupado com essa promiscuidade entre o passado e o presente, que ele chamou de “mistura belmiriana”. Segundo o crítico, a burocracia, por ser uma extensão do privilégio rural, é o posto menos urbano da cidade. O romance da urbanização — que deveria ser dramático, exprimindo conflito e desagregação — torna-se lírico na perspectiva do burocrata (SCHWARZ, 2008, p. 19-20). O lirismo, a tensão interiorizada, a ausência de conflitos, tudo isso estaria relacionado, portanto, à persistência do passado.

Com a dissolução do seu círculo de amigos, o narrador resolve interromper suas anotações. No começo do diário, Belmiro havia dito: “Minha vida parou, e desde muito que volto para o passado...” (ANJOS, 2001, p. 32). A frase é retomada no capítulo final, quando ele recusa o papel oferecido pelo contínuo da Seção: “Esqueceu-me dizer-lhe que a vida parou e nada há mais por escrever” (ANJOS, 2001, p. 227). Note-se que a paralisia, primeiramente, impulsiona a escrita — e depois a impede. Se anteriormente o amanuense pretendia escrever um livro de memórias, por que não realiza o plano agora, já que o presente se esvaziou?

Eis a situação transitiva (ambígua) de um romance que soa ao mesmo tempo antigo e moderno: o impasse da forma reproduz a indecisão do narrador que vive, simultaneamente, no presente, ao qual não consegue entregar-se, e no passado, o qual é incapaz de recuperar.

“Que faremos, Carolino amigo?” – pergunta o amanuense na última linha do diário. O tempo verbal e a forma interrogativa evidenciam não apenas o desencanto, mas a impossibilidade mesma de se fazer alguma coisa. Tal como seu ancestral — Bartleby, o escrivão, de Melville — o burocrata criado por Cyro dos Anjos na verdade preferia não fazer nada. Se a sua entrega ao presente

tivesse sido mais radical, agora certamente ele não seria obrigado a deslocar-se para o futuro.

O mesmo movimento do presente para o futuro ocorre no poema “Mãos dadas”, ao qual fiz alusão no começo. Chegou a hora de citá-lo integralmente:

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente. (ANDRADE, 1992, p. 68)

“Mãos dadas” é um poema paradoxal. Por um lado, trata-se de uma visão afirmativa da poesia. O poeta faz uma espécie de penitência. Condena o passadismo, o escapismo, a alienação. Promete não cair mais no egocentrismo irresponsável. Da paralisia individual dos tempos de *Alguma poesia* — com suas pedras no meio do caminho —, saltamos para uma proposta de marcha coletiva, solidária, “de mãos dadas”. O sentimento de culpa — podemos ver — está na base do sentimento do mundo.

Por outro lado, o poema constrói-se como uma receita negativa, que será repetida depois na abertura do livro *A rosa do povo*, momento máximo do lirismo participante de Drummond. Ao dizer o que não fará — “não direi os suspiros ao anoitecer”, “não fugirei para as ilhas” etc. — o poeta confessa tudo o que já fez. Mais: confessa tudo que continuará fazendo. Os enunciados são contrariados pelas enunciações. As negativas parecem reafirmar o que está sendo negado.

Há também a ambiguidade ligada ao tempo verbal. “Mãos dadas” afirma o presente. Escreve o poeta: “não cantarei o mundo futuro”. Entretanto, a maior parte dos verbos do poema está no futuro, o que nos faz lembrar uma observação importante de Octavio Paz, associada pelo crítico Silviano Santiago à poesia de Drummond. Os poetas modernos, segundo Octavio Paz, embora

procurem ter os pés fincados no presente — é isso que define, afinal, a sua modernidade —, no fundo têm certo desprezo pelo presente, e valorizam mesmo é o futuro. E de acordo com Silviano Santiago, na obra de Drummond, o questionamento político termina adiado para outro tempo, o momento da aurora, do dia que virá (SANTIAGO, 2002, p. 113-114). A esse respeito, vale lembrar também o estudo de Walnice Nogueira Galvão sobre a canção de protesto dos anos 1960: “O dia que virá” é a expressão recorrente de uma esperança no futuro que, na verdade, revela passividade e imobilismo (GALVÃO, 1976, p. 93-119).

Construir o sentimento do mundo, fazer a ação tomar o lugar da contemplação não é tarefa fácil. A necessidade de contato com o tempo histórico é real — é vital. Todavia, tanto na poesia de Drummond quanto no romance de Cyro dos Anjos, o canto da vida presente não se realiza com plenitude. O sentimento do mundo não deixa de ser apenas uma promessa — algo projetado num futuro indefinido. De um lado, o presente é preterido — vira pretérito — nessa espécie de deslizamento para o futuro. De outro, sofre a concorrência do passado, cujas imagens — e problemas — continuam vindo à tona, o tempo inteiro.

Para finalizar, voltemos à obra de Cyro dos Anjos. Belmiro é um prosador lírico e diz que só deseja viver sossegado. Não é capaz de revoltar-se contra o sistema que o rodeia. Sonha com um Brasil civilizado e “cordial”, dentro do respeito às tradições. Diga-se de passagem: essa é, talvez, a principal diferença entre ele e Luís da Silva, de *Angústia*.

No diário de Belmiro, quase nada acontece. Enquanto isso, na “vida real”, estamos nas vésperas do Estado Novo. O tempo é de insurreições, greves, tiroteios e prisões. O amanuense recusa a participação política, faz de tudo para escapar aos conflitos. O autor do romance, porém, com profunda ironia, concentra a maior parte dos capítulos justamente no período dos levantes comunistas. A turbulência política evidencia, por contraste, a pasmaceira vivida no plano individual.

No dizer de Antonio Candido, Belmiro ilustra o destino do intelectual na sociedade brasileira — o mecanismo social de fabricação de literatos desfibrados pela mania da introspecção, que o crítico chamou de “belmirização” (CANDIDO, 1992, p. 79-85). Numa leitura mais recente, Luís

Bueno acrescentou que o livro seria a figuração da impossibilidade de isolamento do intelectual, além de apresentar o registro íntimo de um momento de definição da história social brasileira. E sublinhou a contradição: “trata-se de romance intimista que se revela ancorado no presente, de que faz um retrato de alta definição” (BUENO, 2006, p. 575). Aí reside, segundo Luís Bueno, a potência crítica do livro.

Lançado nos primórdios do Estado Novo, *O amanuense Belmiro* antecipa as duras autocríticas que seriam feitas no começo da década de 1940 por Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. No texto *Autobiografia para uma revista*, inserido no livro *Confissões de Minas*, Drummond diz que sua poesia inicial, a da fase modernista, traduz “uma grande inexperiência do sofrimento e uma deleitação ingênua com o próprio indivíduo” (ANDRADE, 1992, p. 1344). Já Mário de Andrade, em sua famosa conferência de 1942, em comemoração aos vinte anos da Semana de Arte Moderna, acusa os modernistas de “aristocratismo”, “abstencionismo” e “inatualidade” (ANDRADE, 1974, p. 231-255). Críticas que o romance de Cyro dos Anjos — balanço da geração modernista de Belo Horizonte — havia feito praticamente nos mesmos termos. Esse caráter representativo, que ultrapassa as fronteiras de Minas, teria sido uma das causas da repercussão obtida pelo livro?

Representação do *gauche*, *O amanuense Belmiro* acumula ironias contra esse *gauchismo* visto cada vez mais como quixotismo. O narrador refugiado em seu diário se revela muito parecido com o cão vira-latas que surge no fim do romance, em ridícula postura, preso numa lata de lixo – “o focinho para cima, isto é, a lata para cima, na direção das estrelas”, batendo-a “em quantos obstáculos encontrava no caminho” (ANJOS, 2001, p. 211). Belmiro confessa que se sente ligado a esse “cachorro magro e abandonado”. O cão melancólico simboliza, com efeito, as problemáticas investigações do amanuense. A lata vedando os olhos faz pensar na cegueira, que lhe causa tantos tropeços. O focinho dentro da lata também figura a existência dentro da concha (o diário) e a relação dilemática com a vida presente, que o amanuense não é capaz de expressar – mas também não consegue encobrir.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- ANDRADE, Mário de. O movimento modernista. In: *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. São Paulo: Martins, 1974. p. 231-255.
- ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. 16. ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2001.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo/Campinas: Edusp/Unicamp, 2006.
- CANDIDO, Antonio. Estratégia. In: *Brigada ligeira*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992. p. 79-85.
- CORREIA, Marlene de Castro. *Drummond: a magia lúcida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. MMPB: uma análise ideológica. In: *Saco de gatos*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p. 93-119.
- GIL, Fernando C. *O romance da urbanização*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- RUBIÃO, Murilo. O ex-mágico da taberna minhota. In: *Contos reunidos*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 7-13.
- SANTIAGO, Silviano. A permanência do discurso da tradição no modernismo. In: *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 108-144.
- SCHWARZ, Roberto. Sobre o amanuense Belmiro. In: *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 9-21.
- SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-1969. In: *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 70-111.